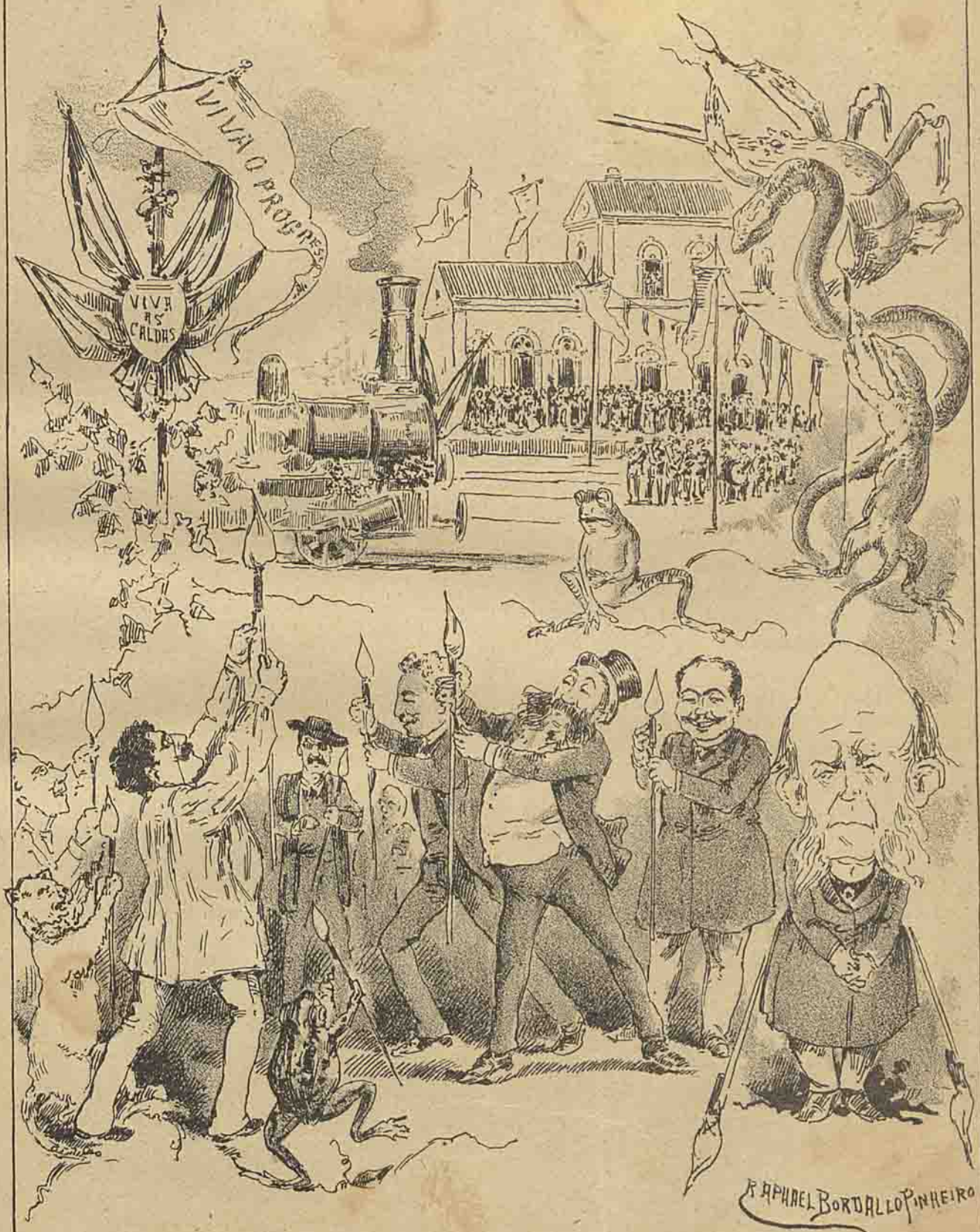


O CAMINHO DE FERRO NAS CALDAS



Chegou no dia 25 ás Caldas da Rainha a primeira machina do caminho de ferro, que brevemente será aberto á exploração. Como amigos dedicados d'aquella povoação não podemos deixar de registrar aqui o fausto acontecimento.

Outro tanto, decerto, não succederá ao conselheiro *Pim*, que a estas horas se está chorando e lamentando de lhe estragarem as Caldas com estradas, e côrtes de vinhas para parques e ainda por cima caminho de ferro!

Toca a reformar, que é o melhor meio de não apanhar massadas, continuando ao mesmo tempo no seu posto de observação.

POR AHI...

A nossa adoravel leitora vae ter esta semana uma chronica muito fresca.

Não confundir com a frescura artificial da frase pi-careasca, porque se trata simplesmente da frescura matutina, da frescura *ao natural*, como a frescura dos nacarados labios de v. ex.—depois dos referidos labios terem servido de tunnel a um comboio de carapinhadas.

Escrevemos ás 4 horas da madrugada do dia de S Pedro.

Ha meia hora que o nosso despertador fez *pim-per-lin-pim-pim* e que nós saltámos da cama, o mais ligeiro e o mais Adão que podemos ser.

D'ahi a nada, o sangue puro do sr. dr. Pinto Coelho, consagrado na lymphá do Alviella, cachoava em cataratas pelo Niagara do nosso espinhaço, inundando-nos d'uma frescura ainda além das nossas proprias espirações!

E' verdadeiramente notavel que a agua com que pela manhã nos lavamos, e que é a mesma—a mesma, salvo seja—com que pelo dia adiante matamos a sede; que essa agua, filha do mesmo Alviella e da mesma canalisação—assim como quem diz filha do mesmo pae e da mesma mãe;—que essa agua seja tão fresca nas abluções e tão morna nas deglutições!

E, sendo isto sabido de toda a gente, não comprehendemos tambem porque ainda se não adoptasse o systema de beber agua pelo lado de fóra, ao passo que nos ensaboariamos pela banda de dentro.

O expediente não era positivamente novo, visto não faltarem genros a quem as sogras *ensaboam o miolo*...



A' hora e no dia em que escrevemos, a cidade não é aquella que o leitor conhece. Cantam galos, estoiram alguns foguetes retardatarios, pavenciam-se moringueas d'agua fresca em todas as varandas, e, n'uma ali em baixo, agita-se levemente, suspensa do parapeito, uma toalha branca de linho, quem sabe se o signal convencionado, se o motor inconsciente de algum idyllo romanesco, que esteja desabrochando ali, poeticamente, entre as quatro paredes d'uma alcova sem janella...

Quem nos dera uma toalha!...

Na rua passam de quando em quando uns ranchos que veem da Praça.

Cravo de papel na fita do chapéu, vaso de mangericó e ramo de alfazema debaixo do braço, ventarola na mão direita, rouxinol de barro na esquerda, cigarro ao canto da bocca e remela ao canto dos olhos, saciados de festejar o Senhor S. Pedro para que lhes abra as portas do céu, onde os espera a bemaventuran-

ca, vão agora accordar a familia para que lhes abra as porta de casa, onde os espera a confortabilidade dos lenções...

Continúa a inveja a perseguir-nos; ha pouco contentavamo-nos com uma toalha; agora, quem nos dera dois lenções!...



Felizmente para nós, esta massada de chronicas matutinas e chronicas nocturnas, e chronicas pelo dia adiante, está aqui está a acabar: a experiencia de machinas do Centro Agricola Industrial, a que assistimos no ultimo domingo, dá-nos essa fundada e risonha esperança.

Imagine o leitor uma machina da mais extrema simplicidade, dirigida por um homem e movida por dois bois, que vae ceifando o trigo, e juntando-o, e atando-o, e deitando cá para fóra os mólhos, aos doze por minuto, faltando-lhe apenas debulhal-o, moel-o, amagal-o e cozel-o, para que nos desse logo ali o pão nosso de bico de cada dia!

Tal progresso na mechanica traz-nos pois a esperança de que ainda se não de inventar machinas que escrevam chronicas, alinhayem camisas, desenhem caricaturas, façam ovos estrelados e até, com vantagem, substituam o bello sexo no que'elle tem de mais apreciavel...

Á ceifa executada pelas machinas do Centro Agricola nas terras do sr. Polycarpo José Machado seguiu-se a ceifa operada pelos convidados no jantar d'aquelle distincto e amabilissimo cavalheiro.

Digamos em abono da verdade que todos os convidados trabalharam com a perfeição de magnificas ceifeiras-atadeiras. A opulenta seara, d'aquelle magnifico jantar cosinhado de finos mólhos, estava a curto trecho dividida em volumosos mólhos, aliás muito bem mólhados, pelo interior dos convivas-atadeiras.

Cerca de quatro horas d'uma excellente meza, de animado cavaco, de brindes entusiasticos e de alegria sincera pelos progressos da industria que hade forçosamente operar uma abençoada evolução de economia e de abastanca na nossa agricultura—que representa o futuro do paiz—e eis como findou essa esplendida festa, d'onde, por todos os titulos, regressámos verdadeiramente encantados.



A Associação dos Jornalistas acabou e não acabou, dissolveu-se e não se dissolveu, morreu de morte macaca e ficou vivinha da costa e silva...

Não tendo recursos para a sua sustentação, a Associação dos Jornalistas resolveu depositar na Sociedade de Geographia todos os objectos com que a haviam presenteado, vender os tarcos para pagar uma divida ao sr. João Evangelista—divida que se pôde considerar sagrada, como o João Evangelista se pôde considerar um santo, pela paciencia com que tem esperado pelos cobres—e suspender o pagamento de quotas, continuando entretanto aquella Associação na sua marcha gloriosa, apesar de não ter um vintem em cofre, nem cofre onde guarde um vintem, nem uma cadeira de tabúa, nem uma meza de pinho, á mercê, em fim, das sopas sollicitadas ao portal da Sociedade de Geographia, que fica nas proximidades do extinto convento de S. Francisco, pelo que a Associação dos Jornalistas poderá futuramente vir a denominar-se Associação Franciscana de Jornalistas Descalços e Escriptores Portuguezes da Ordem dos Mendicantes.

Titulo muito mais pomposo de que o antecedente, sendo pena que a Associação não tenha fundos para mandar fazer um novo carimbo de borracha...

A Associação dos Jornalistas, cuja fundação se relaciona com as festas do tri-centenario do immortal Camões, andou é certo com manifesta coherencia determinando não se dissolver: ella quiz ser, como aquelle que lhe deu o dito ser—immortal—e assim tomou a resolução de não morrer, apezar de ter ficado sem pinga de sangue... na algibeira!

Se na proxima eleição dos corpos gerentes fór—como é de justiça—eleito para presidente da meza, o socio sr. Ligo, que por sobrenome não perca, e que é um dos mais bravos, puros e corpulentos escriptores da geração moderna, fazemos ideia da raça de discurso com que s. ex.^a agradecerá a honraria—aliás justissima—que lhe conferirem os seus consocios.

Reunida a Associação no recinto dos bailes campestres á Praça da Alegria, por falta de casa propria, o presidente Ligo, ligando as suas ideias, assim fallará aos seus confrades (frades de S. Francisco):

—Meus amados irmãos! Ao tomar posse da cadeira da presidencia... (como não ha cadeira sento-me no chão), e na qualidade de presidente da mesa (como não ha mesa encosto os cotovellos á barriga), desejo que se consigne na acta (como não ha papel consigne-se no punho da camisa) o meu reconhecimento por me confiarem a direcção d'esta casa (como não ha casa emendo para a direcção d'este ar livre), favor a que me esforcarei por corresponder até tirar algum resultado do meu esforço... ao ar livre! Disse! (Vae para tocar a campainha: mas, como não ha campainha, bate duas argoladas repenicadas).

E assim continuará a Associação dos Jornalistas a lavar entre nós, sendo e não sendo, a ponto de merecer aos vindouros esta conceituosa definição: Era, não era, andava lavrando...

PAN-TARANTULA.

POLITICA EM BOLANDAS



Afinal sempre passou a conversão, que, como utilidade publica, não passava d'uma *conversa*, mas que, no superlativo *conversão*, foi um verdadeiro superlativo para o sr. marquez Apanha-Tudo...

A conversão teve uma influencia muito pronunciada tanto na bocca d'aquelle illustre titular como na do seu collega o sr. conde Topa-a-Tudo: este, morde-se de inveja e dá á lingua contra aquelle; aquelle, engole em suco mas vae-se lambendo de contentamento...



Agora é que o sr. Francisco Machado nem a machado derrota o conquistador Gomes Netto, que lhe anda a arrastar a asa da sobrecasaca á sua esposa politica, que é o circulo das Caldas da Rainha.

O Lovelace está aqui está-lhe mettido no circulo...

Para mais ajuda, o sr. ministro da fazenda protege o seductor e já declarou no parlamento ao sr. Machado que perde o tempo em apaparicar a esposa infiel, porque ella tem *protector* mais efficaz junto do ministerio.

Este caso, bem aproveitado, dava uma oleographia muito catifa para o quarto de cama de um rapaz solteiro:

As Caldas, de *cocote*; o sr. Machado de trovador infeliz; o sr. Gomes Netto de *protector* endinheirado; o sr. Marianno de *alcofa* intermediaria no *negocio*...



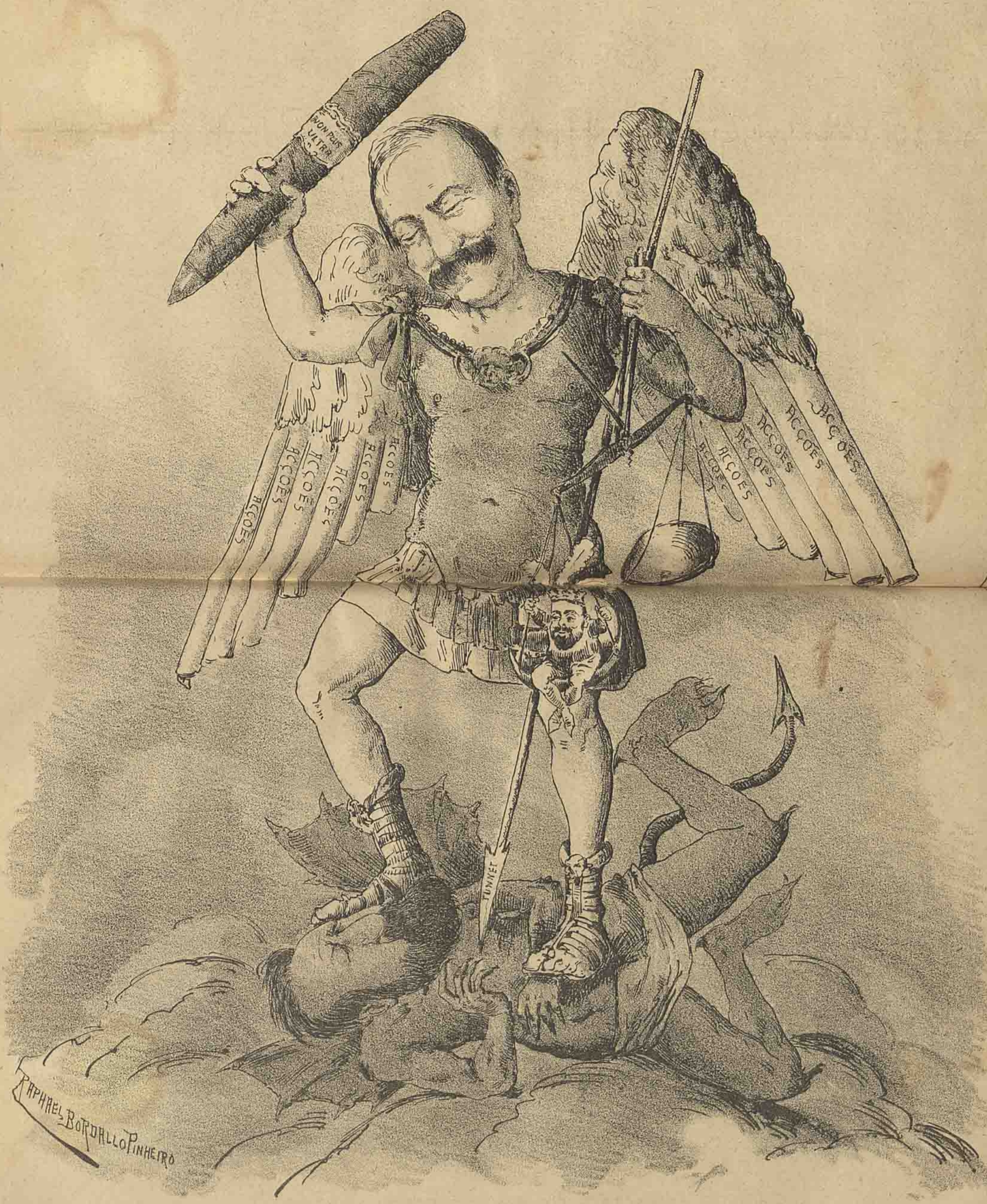
Vermelho de pudor e com o colo offegante de emoção, concedeu o sr. José Lucianno, ante-hontem, a primeira entrevista aos representantes dos bancos do Porto.

O sr. Marianno, que faz as partes aos pretendentes da Invieta (deu-lhe agora para o cultivo d'este rendoso officio) o sr. Marianno empregou todas as seducções ao seu alcance para que o pudibundo sr. presidente se condoesse a rogativas e queixumes.

Com tão boa inculcadeira ao pé da porta, impossivel será que o sr. José Luciano não acabe por *ceder*, e assim o teremos d'aqui a pouco desovando contos de réis em proveito dos bancos compromettidos.

O sr. José Lucianno, a desovar contos de réis, tambem dava uma bonita decoração em *biscuit*, para jardineira, tendo por *pendant* o sr. Monteiro desova milhares...

O S. MIGUEL DA POLITICA



Segundo referiram os jornaes, o sr. ministro da fazenda declarou na camara que havia um autocrata financeiro que dominava o thesoiro e o qual autocrata elle mettêra debaixo dos pés.
 Já que está com as mãos na massa das autocratas, aproveite a occasião para metter no mesmo sitio (debaixo dos pés) o autocrata n.º 2 que lhe está pesando no prato da balança...

CASOS TYPOS E COSTUMES

A DIVIDA

(Concluido do numero antecedente)

Diz-se que o caso vae torto
E a coisa muito bicuda,
Se aos pobres bancos do Porto
Não dão depressa uma ajuda.
E o povinho, rei dos tolos,
Que dos bancos teme o p'riço,
A chuchar no furabolos,
Pensa de si p'ra consigo:

—Justo é que aos banços se accuda
Co'o dinheiro que é só meu...
Elles apanham a ajuda...
E o *seringado* sou eu...



O sr. Bocage é que é a verdadeira victima das dissidencias que lavram no intestino do partido regenerador.

Como para as affecções intestinaes se applica geralmente com bom resultado uma chavena de chá forte, o partido regenerador não faz senão reunir-se em casa do sr. Bocage, no empenho de sarar a molestia que o consome á custa do chá de s. ex.ª

Se as reuniões continuam e as dissidencias não se aplanam, bem pode chover chá preto no bule do ex.ºº conselheiro...

Se o partido, partido em dueto,
N'um só grupo afinal, não se arreiga,
Elle gasta a fortuna em chá preto
E em fatias de pão com manteiga.



Fallando da reunião em que uma parte do partido regenerador elegu para seu chefe ao sr. Serpa, escreveu o *Diario de Noticias*: «Resolveu-se que se propozesse ao partido o sr. conselheiro Serpa Pimentel para chefe do mesmo.»

O sr. Barjona, ao ler a noticia, resmungou logo com uma inflexão muito intencional:

—Só se fôr do mesmo...

PAN-TARANTULA



Entra, abrasado em calor,
No elegante gabinete
Onde o omisso devedor,
Dando-se ar's de grão senhor,
'stá tomando o seu sorvete.



—Trago-lhe a letra, (começa)
Em que o sr. poz o *acceite*;
—A minha letra? ora essa...
O' Constantina, depressa,
Traga sorvetes de leite...



A criada, andando leve.
Da mesa coloca ao centro
Os dois sorvetes e em breve
O banqueiro toma a neve
Que o consola lá por dentro.



Mas tanta neve tomou,
Da calma na atroz fadiga,
Que afinal empanzinou
E a queixar-se começou
De soffrer dôr de barriga...



Co'a immensa dôr que o consome
Todo o corpo se lhe alquebra,
E, p'ra que a molestia dome,
Dão-lhe em conselho que tome
Uns copitos de genebra.



Mas, por sorte dos infernos,
Apanha tal bebedeira,
Que ao sentir volções internas
Põe-se a botar olhos ternos
P'ra a guapa da sopeira...



Qual um fogo de fornalhas
Exp'rimenta vivo, agudo,
E d'amor corre às batalhas,
Atirando de cangalhas
Com genebra, meza e tudo!



Pede á moça, em triste pranto,
Que lhe mostre a côr da meia;
Persegue-a, mette-a n'um canto...
E o devedor, entretanto,
Tinha a mais soberba idcia...



Na cleova altivo penetra
E acha o credor co'a criada,
Beijando-a... e tal... *et cet'ra*...
—Quanto devo?
—Tome a letra
Vá-se em paz... não deve nada...



Com tão alegre noticia,
Mais a altivez accentua:
—Que descarro e impudicia!
Ponha-se—ou chamo a policia—
Co'os quatro quartos na rua!



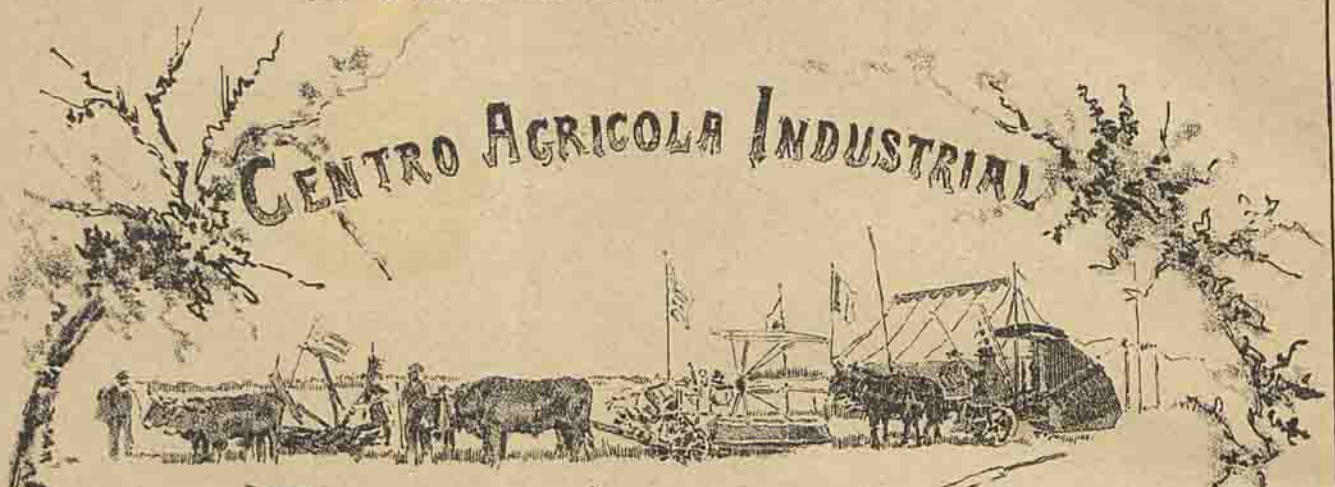
Como, a sair sem demora,
O outro pozesse empecilhos,
Elle mesmo o pôe lá fóra
Co'uma galheta sonora
E um ponta-pé nos fundilhos.



Moido até aos tutanos
Como massa de pasteis,
D'amor aprende os enganos...
Lançando em perdas e danos
Cento e noventa mil réis...

A FESTA DE DOMINGO

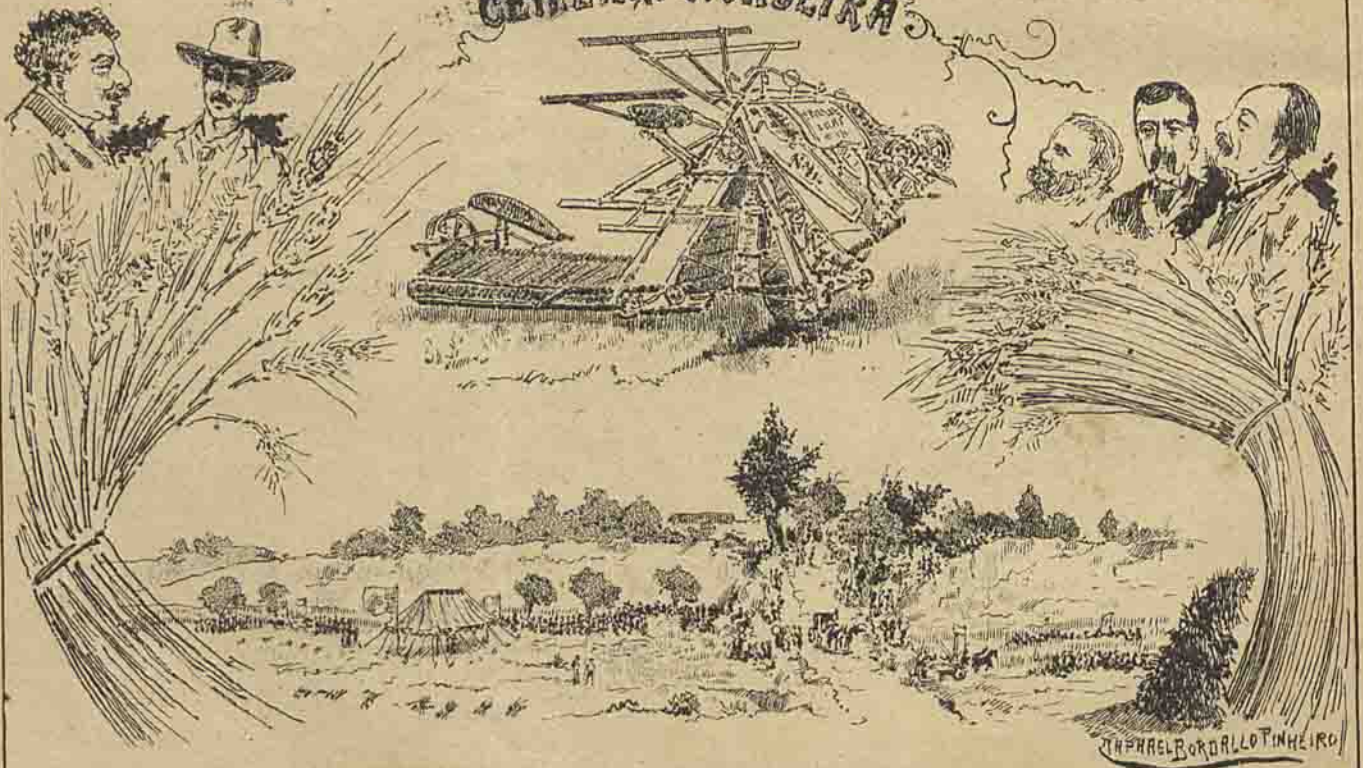
CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL



OSBORNE



GENEIRA ATADEIRA



ANTONIO BORDALLO TINHEIRO

Uma verdadeira festa de trabalho e do progresso, que a todos deve interessar sinceramente e cujas honras cabem por igual aos representantes de Centro Agrícola Industrial, os srs. Figari e Adolpho Fassio, dois espiritos modernos, duas intelligencias robustas, dois entusiastas dedicados, que muito teem conseguido já. Esforçando-se ainda por introduzir em todos os nossos trabalhos ruraes as melhores machinas usadas no estrangeiro e que representam para o lavrador uma extraordinaria fonte de receita.